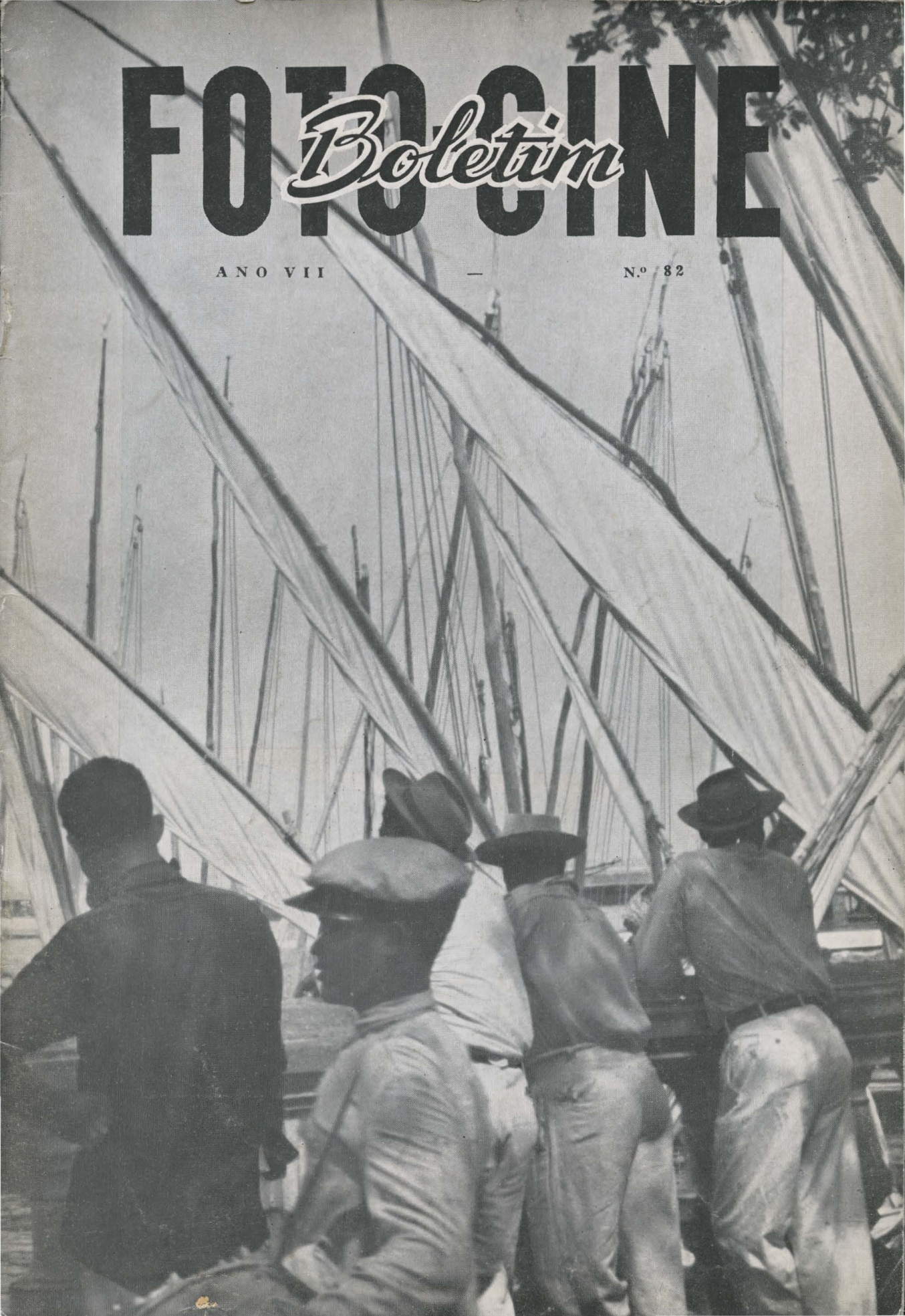
FOTO CINE Boletim

ANO VII — N.º 82



Ansco

uma garantia para profissionais e amadores

MESBLA

Rua 24 de Maio, 141 — SÃO PAULO

FILMES: Filmpack
Filmplano

Rollfilm branco / prêto e colorido

Filme para Raio X

Filme para Artes Gráficas

Filme 35 m / m negativo

Filme reversível de 8 e 16 m/m branco/prêto e colorido

pro-diger 436

Ver e vencer com a Rollei
CONCORRA AO
Grande Concurso Fotográfico Nacional "Rollei":
"ASSIM EU VEJO O BRASIL"
Cr.$ 20.000,00 em prêmios!
Peça o regulamento e boletim de inscrição ao seu fornecedor ou á
H. SCHNEIKER & CIA.
Cx. Postal, 294 — CURITIBA, Pr. — ou ao
FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE
Rua Avanhandava 316, S. PAULO.
Inscrições até 31 de Outubro
ROLLEIFLEX
ROLLEICORD
®
Rolleiflex
Rolleicord

ÓTICA FOTO-MODERNA

R. Marconi, 44 — Fones: 34-7582 e 32-9197

Grande sortimento de tôdas as marcas de aparelhos e acessórios fotográficos importados da Alemanha e Estados Unidos.

x) Descontos especiais aos sócios do Foto-cine Clube Bandeirante.

ÓTICA FOTO-MODERNA

R. Marconi, 44 — Fones: 34-7582 e 32-9197

SÃO PAULO — BRASIL

FUNDADA EM 1903

Fischetti & Rossi Ltd.

Casa Beethoven

MUSICAS • PIANOS
RADIOS • DISCOS
INSTRUMENTOS
PAPELARIA
REFRIGERADORES

LARGO DA MISERICORDIA, 36 - FONES 32-0303 - 33-6510 - CX. POSTAL 348 - S. PAULO

A Nota do Mês

ANDRÉ MAUROIS E A ARTE FOTOGRÁFICA

Abrimos um parêntesis em nosso habitual comentário do mês, para dar a palavra a André Maurois.

André Maurois, o ilustre membro da Academia Francesa, autor de "Vie de Disraeli", "Silences du Colonel Brandle" e tantas outras obras célebres, fez parte, recentemente, do juri de premiação do Concurso Foca. Ao terminar a cerimônia de entrega dos prêmios, tomou a palavra e em brilhante improviso defendeu para a fotografia, o direito á qualificação de "obra de arte".

Lucien Lorelle, **afamado artista-fotógrafo francês seu companheiro de juri, anotou algumas das passagens mais expressivas do discurso de André Maurois, reproduzindo-as em** "Photo-Cinema" **(n.º 619) de onde, com a devida vênia, as transcrevemos para conhecimento dos nossos aficionados, pois são um depoimento de grande valia a favor da fotografia como meio de expressão artística.**

"Apezar de haver — **disse A. Maurois** — cem maneiras de falar de arte para tentar definí-la, pode-se afirmar que a arte é uma forma da natureza vista através do espírito do homem. Assim, se a natureza nos proporciona comumente uma obra de arte **natural,** o homem sobrepõe uma **ordem** á natureza.

É para isso que tende todo o artista e, naturalmente, também todo o artista-fotógrafo. Encontramos cem vêzes a prova, no fato de que os grandes fotógrafos têm uma expressão fotográfica muito pessoal, que é melhor do que a assinatura de suas obras, pois ela alcança muitas vêzes o estilo, apresentando uma visão do mundo que é uma **tradução** e não uma **imitação.** Melhor ainda, certos fotógrafos usam símbolos: o objeto fotografado **toma então o lugar de um pensamento,** é a expressão de uma idéia.

Objetar-se-á, como fazem certos críticos de arte, que o aparêlho fotográfico traz uma restrição á expressão pessoal e que isso representa uma submissão a um instrumento e á técnica? Mas muito ao contrário — **afirma André Maurois** — deve-se considerar a maravilhosa fôrça do espírito humano, capaz de fazer obra pessoal com o auxílio de uma máquina !

Um fotógrafo se exprime com imagens e a sua linguagem tem a fôrça de uma linguagem universal. Portanto, uma vez que o pensamento humano pode se exprimir através da fotografia, porque não haveríamos de admitir, um dia, um artista-fotógrafo na Academia Francesa, mesmo se êle devesse fazer o seu discurso de recepção com o auxíilio de uma lanterna mágica ! São os votos que eu formulo, como já os formulei a favor do cineasta René Clair".

Arte e Composição

NICOLAS HAZ — FRPS — FPSA

(Transcrito do
Correo Fotografico Sudamericano)

III

MARGEM — A décima diferença visível — Margem ou borda é a área que se encontra na beira de uma imagem ou mancha e que pode-se observar onde as imagens escuras e as claras se encontram. O contôrno pròpriamente dito não tem largura; é invisível quando não se faz notar por margens contrastantes que estão a um e outro lado. As margens podem ser suaves e difusas ou claras e cortantes; sua qualidade influe grandemente sôbre o ambiente e significado do quadro. As bordas cortantes são simbólicas para expressar verdade, exatidão, correção e, portanto, realidade. As margens difusas, simbolisam poesia e mistério, e em conseqüência a irrealidade. As margens cortantes são realmente margens fotográficas (as imagens provêm da natureza e não da mão do homem, porque sòmente a natureza pode lograr que sejam perfeitamente cortantes e se encontrem em grande profusão). Nas fotografias que se fazem para informação, educação, técnica industrial, ciências e negócios, as margens cortantes são preferíveis ás difusas, pois transmitem melhor a idéia. As margens difusas são adequadas para temas românticos e líricos, nos quais o mistério, a irrealidade, a amplitude sumária são necessários para agradar. As margens difusas ocultam defeitos, falhas e imperfeições dos objetos, rodeando-os de mistério.

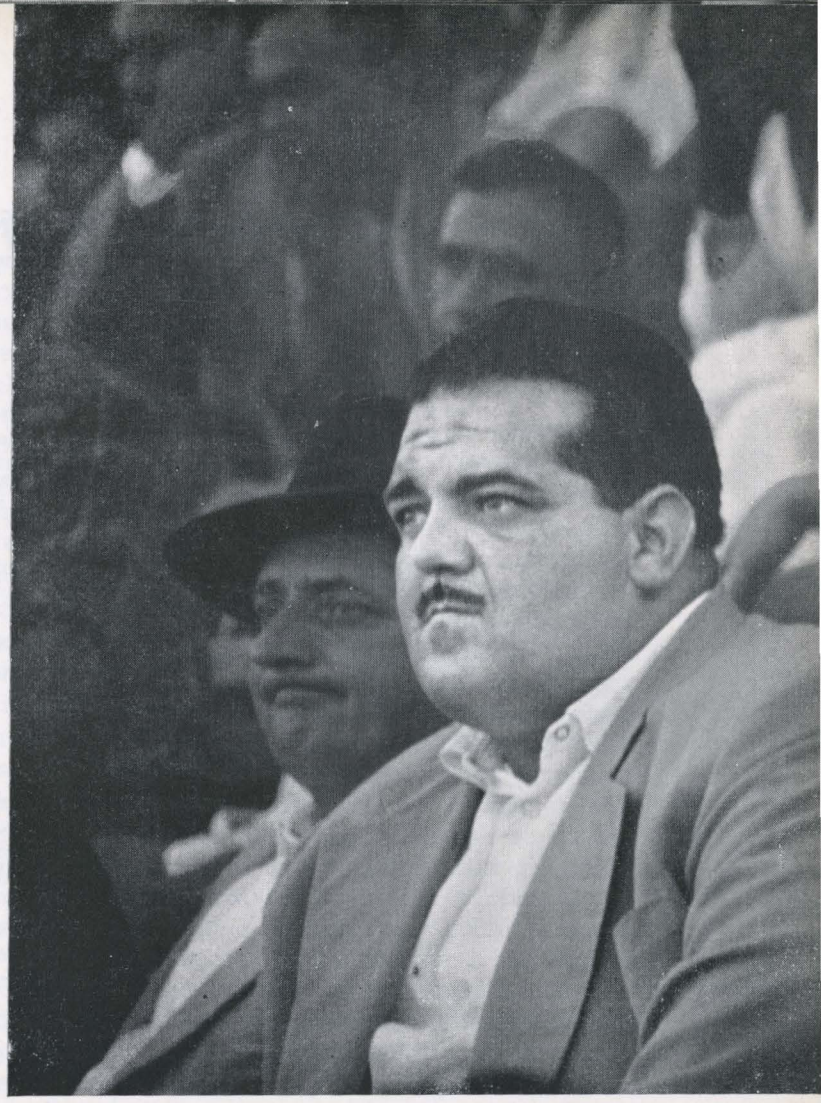
Quando se usam ambas, as bordas cortantes e as difusas no mesmo quadro, então a finalidade do mesmo determina o que é que deve estar difuso e o que deve ser cortante. Em geral, quando a profundidade é o escopo, as imagens próximas devem estar mais cortantes do que as distantes. Mas se o que se quer obter é o domínio, em tal caso a imagem distante pode ser mais cortante do que as que se encontram próximas. As margens ajudam a expressão de movimento; as imagens que se movem velozmente, podem mostrar-se com margens difusas.

SUPERFÍCIE — A décima-primeira diferença visível — A "superfície" é a capa superior do plano pictórico; tem diferenças tanto visíveis como tacteis. Uma pessoa cega pode distinguir várias qualidades de superfícies tão sòmente tocando-as. Em fotografia são usadas três espécies de superfícies, as quais, por sua vez, têm três sub-divisões. Estas são: 1) Áspera, 2) Lisa e 3) Semi-áspera. Tôdas elas poderão ser: 1) Brilhante, 2) Mate, 3) Semi-mate. Cada uma das três primeiras classificações com suas três sub-divisões correspondentes, têm seu uso especial, que se adapta a determinadas finalidades e que não é adequado para outras, segundo o que se pretende com o quadro. As superfícies ásperas se assemelham aos papéis dos desenhistas ou pintores

"EMOÇÃO FRUSTADA"

Ivo F. da Silva

F. C. C. B.



e servem para imitações de quadros, desenhos ou gravuras feitas a mão. Os papéis lisos são pròpriamente papéis fotográficos que servem para fins de reprodução de detalhes minuciosos e para obter uma escala mais ampla de tons. A superfície semi-áspera situa-se entre as duas precedentes e é empregada freqüentemente pelos retratistas. Os papéis brilhantes produzem melhores tons de negro, brancos mais claros e maior número de cinzentos do que os papéis mate, e são excelentes para efeitos fotográficos completos. Os papéis mate atenuam os tons; com êles não se consegue o negro perfeito e mostram menor número de cinzentos. Os papéis semi-brilhantes, possuem uma quantidade aceitável de cinzentos, um tom negro bastante bom e além disso permitem o retoque positivo sem que se possa notá-lo fàcilmente; são papéis muito úteis para os retratistas e ilustradores. O papel que melhor reproduz a textura é o brilhante liso. As chamadas "telas de textura" estão mal denominadas; são apenas telas de imitação de superfície que simulam a

superfície de gravuras, de desenhos, reproduções de pinturas, geralmente atenuando ou destruindo a textura. É evidente que se o autor quer imitar quadros feitos a mão, a "tela de textura" (retículas) pode ser útil.

TEXTURA — A décima-segunda diferença visível — A textura se refere á consistência interna da substância da qual o objeto está feito, tal como se mostra ou se sugere por sua superfície. Por meio da fotografia correta da superfície pode-se lograr que o quadro represente a textura do objeto. Em fotografia sòmente existem nove classes de superfícies; o número de texturas é ilimitado. A textura pode ser um elemento desejável ou indesejável nas fotografias, de acôrdo com o propósito do autor. Se se necessita representar fatos, verdades, então cabe mostrar a textura. Quando o que se busca são expressões líricas ou românticas, então a textura não é desejável, a não ser que seja tão perfeita no objeto mesmo, que sua representação correta não possa deixar de ser considerada lisonjeira.

A representação correta (ou exagerada) da textura é uma questão de boa técnica fotográfica. Necessita-se de uma boa superfície lisa, (do papel) brilhante, de tonalidades ricas, margens cortantes e uma excelente profundidade, isto é, uma iluminação adequada para profundidade e textura e sòmente os bons fotógrafos, equipados de maneira adequada, podem reunir êstes requisitos. A iluminação deve estar em ângulo agudo em relação á superfície do objeto para acentuar seus mínimos detalhes. Em certas ocasiões, isto não é suficiente para fazer notar a natureza da substância do objeto, a qual pode ser opaca e pesada ou translúcida e leve. Tratando-se de objetos translúcidos ou transparentes, a iluminação do fundo tem que se unir à iluminação angular, para correta reprodução da textura.

PROFUNDIDADE — A décima-terceira diferença visível — A profundidade é a ilusão de terceira dimensão sôbre uma superfície de duas dimensões. Está composta por quatro classes de perspectivas (ciência ótica): 1) linear, 2) tonal, 3) de côr, e 4) binocular ou estereoscópica, quer dizer, "de dois olhos". A perspectiva, mesmo quando excelente, pode ser anulada por meio de fusões de pontos, de linhas e de tons, e por sobreposições parciais, tal como se mostra pela "pseudo-perspectiva". A **perspectiva linear** produz a ilusão de profundidade por meio ùnicamente de contôrnos. A **perspectiva tonal** (também chamada "aérea") produz profundidade pelo esmaecimento gradual da intensidade do tom, ao aumentar a distância entre a imagem e o ôlho. A **perspectiva de côr** tem duas causas: 1) as côres complementares que o ôlho produz e que se agregam ás côres locais e 2) uma dissolução prismática da luz branca sôbre a paisagem que faz com que os objetos próximos adquiram côres quentes (amarelo, alaranjado, verde quente, vermelho quente) e confere aos objetos distantes côres frias (azul, lilaz, verde frio, vermelho frio).

À profundidade corresponde também, além da ilusão de distância, a ilusão da aparência de solidez das imagens. Isto se obtém com iluminação adequada para produzir êste efeito. Ilumina-se o objeto com uma fonte principal (também as fontes auxiliares, mais fracas, são aceitáveis) de luz concentrada que produz sombras e sombras projetadas. De fato, um objeto iluminado para conseguir uma aparência de solidez (plasticidade) tem seis elementos de iluminação: 1) alta luz, 2) luz, 3) transições, 4) sombra, 5) reflexos na sombra, 6) sombra projetada. Quanto maior número dêstes elementos existirem tanto mais pronunciada será a ilusão de aparência sólida nas

AS OBJETIVAS

CLAUDIO PUGLIESE - FCCB

Pretendemos nêste artigo, despido de qualquer pretensão técnica, elucidar os amadores neófitos, a fim de que êles possam ter conhecimentos, mesmo rudimentares, das peças e instrumentos que manuseiam na prática da fotografia, e assim poderão um dia saber o que êles desejam e pretendem de uma máquina fotográfica.

Devemos antes de tudo conhecer os vidros das objetivas, os quais são a parte principal desta e da máquina fotográfica e que tomam o nome de:

LENTES

Ao examinarmos com atenção uma lente de aumento, notamos estar composta de dois elementos: a montagem (não nos interessa) e uma massa de vidro, a qual estudaremos.

Passando esta lente, entre o polegar e o indicador, notamos que a sua espessura não é uniforme, sendo mais estreita nas bordas e mais grossa no centro.

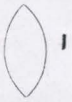
Podemos definir esta lente como uma massa de vidro, limitada por duas superfícies esféricas, ou de uma superfície esférica e uma plana. Esta massa de vidro é, constituida de material mineral de primeira qualidade, (silicio, cromo etc.) fundidos e moldados, cujas faces são trabalhadas com cuidado e polidas conforme o desenho desejado.

A massa de vidro formando a lente, constitue também, o protótipo das lentes fotográficas, as quais, todavia, em óptica se apresentam em formas diversas conforme as curvas das respectivas superfícies.

As formas correntes de lentes são:

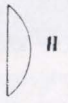
1.ª - Lente Biconvexa

é uma massa de vidro òpticamente trabalhada, limitada por duas superfícies convexas, conforme figura.



2.ª - Lente Plano-Convexa

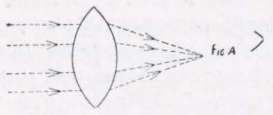
uma das superfícies é plana ao passo que a outra continua convexa.



3.ª - Lente Convexa, Côncava ou Menisco Convergente

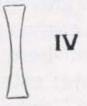
uma das faces é convexa, a outra é côncava, mas a espessura do vidro no centro é sempre mais grossa que nas bordas.

Estas três lentes são chamadas convergentes tendo a propriedade de convergir um feixe de luz paralelo ao atravessar esta lente. Tôdas as lentes convergentes são mais grossas ao centro do que nas bordas. Fig. A



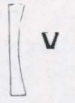
4.ª - Lente Bicôncava

esta massa de vidro apresenta uma espessura maior em suas margens e menor no centro sendo limitada por duas superfícies côncavas.



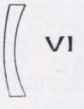
5.ª - Lente Plano-Côncava

nêste caso também temos as espessuras maiores nas estremidades e menores no centro. Sendo uma das faces planas e outra côncava.

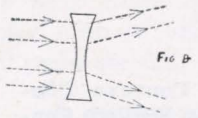


6.ª - Lente Côncava-Convexa ou Menisco Divergente

apresentando as mesmas características gerais das duas últimas, sendo nas margens mais espessas que o centro, e suas superfícies limitadas por uma superfície côncava e a outra convexa.



Estas três últimas lentes são chamadas divergentes, por que os raios paralelos que a atravessarem divergirão. Fig. B



A OBJETIVA

Definição:

Quando uma lente ou um sistema óptico, composto de uma ou mais lentes é colocado à frente de uma câmara escura toma o nome de objetiva.

TIPOS

Menisco

É a objetiva mais simples, constituida por uma única lente convergente chamada "menisco convergente", e como vimos no artigo de "aberrações", (Bol. 80), esta lente é utilisada sòmente na parte central; as outras partes são cobertas por lâminas com aberturas regulares que toma o nome de "Diafragma". Esta lente é usada em tôdas as máquinas de preços baixos geralmente as chamadas "caixão".

Acromática

Visto que uma só lente do tipo "menisco convergente" não pode dar uma imagem bem nítida, junta-se uma segunda lente; esta objetiva chamar-se-á "acromática" dando então uma imagem satisfatória.

Estas lentes são coladas com bálsamo do Canadá, formando assim uma única peça. Utilisando pequenas aberturas do diafragma, com o que se usa sòmente a parte central da lente, teremos uma imagem suficientemente nítida. Mas examinando com atenção as linhas verticais da imagem nas bordas, as veremos levemente curvas. A fim de corrigir êste defeito, junta-se a estas duas lentes coladas, mais um par de lentes semelhantes, e dispostas simètricamente às primeiras, formando uma objetiva

Rectolinear

a qual dá uma imagem perfeitamente nítida e isenta de curvas; esta objetiva compõe-se de quatro lentes coladas duas a duas.

Foi muito usada no passado mas, aos poucos, está sendo substituida por uma objetiva de três lentes.

Anastigmática de três lentes

Mesmo que a disposição das três lentes, sejam separadas, esta objetiva dá uma imagem teòricamente perfeita, substituindo a tôdas as objetivas "rectolineares". O seu nome indica claramente o tipo. Os fabricantes costumam designá-las com o prefixo de "tri". Estas objetivas são muito difundidas, sendo usadas em muitos aparelhos comuns.

A fórmula de construção permite alcançar aberturas elevadas, começando do 1:3,5; os tipos mais conhecidos são o Trioplam Mayer e o Triotan da Zeiss.

Objetiva anastagmática de quatro lentes

Trata-se de uma objetiva idêntica a anterior, mas a lente posterior é formada por duas lentes coladas.

Estas objetivas dão uma nitidez absoluta e perfeita, sem algum defeito. Compõem máquinas de valor e perfeitas, alcançando luminosidade que chega ao 1:2,8.

As objetivas mais conhecidas são:
TESSAR ZEISS e as ELMAR LEITZ.

Objetivas anastagmáticas de grande luminosidade e muitas lentes.

Para alcançar luminosidade superior a 1:2,8 procurou-se geralmente constituí-las com a técnica derivada do microscópio. Ao envez de contar com quatro lentes, como a objetiva precedente, encontramos de 5 a 8 lentes.

Estas fórmulas de construção, permitem alcançar luminosidade na ordem de 1:1,5.

Objetivas de 5 lentes temos as HELIAR da VOIGTLANDER, e com 6 a 8 lentes temos a SUMMITAR da LEITZ ou SONNAR da ZEISS e a XENON da SCHNEIDER.

GENERALIDADES DAS OBJETIVAS

Quando adquirimos uma objetiva, desejamos saber as suas características principais, para a usar racionalmente. As duas partes mais importantes são: distância focal e luminosidade.

Veremos estas características tendo em mente o que falamos sôbre as "lentes".

FOCO DA OBJETIVA

O sistema óptico numa máquina, dotada de um vidro despolido, o dirigimos, por

exemplo, para o sol; deslocando o suporte da objetiva para frente ou para traz, encontraremos numa posição que corresponde no vidro despolido, a uma imagem nítida do sol. Se o eixo da objetiva é dirigido para o sol, a imagem dêste último estará formada no "foco" da objetiva.

Êste limite constituido pelo vidro despolido chama-se "plano focal". Sôbre esta superfície em que se formam as imagens todos os pontos luminosos situados distantes no infinito, pràticamente entre 50 e 100 metros, estão "focalizados".

DISTÂNCIA FOCAL

Quando focalizamos um objeto distante no "infinito", a distância que separa o centro da objetiva, à superfície do vidro despolido "Plano Focal" é a "Distância Focal" desta objetiva. Mais precisamente, esta distância é medida do ponto de emergência da objetiva, quer dizer do centro da lente em diante.

Pràticamente não é tão fácil determinar o ponto de emergência.

Querendo verificar com suficiente aproximação a distância focal, procede-se do seguinte modo:

1.º — Pondo em foco um motivo situado no infinito, por ex., uma tôrre, uma árvore ou uma casa, digamos a 1 Km, medindo a distância entre o vidro despolido e o centro da objetiva teremos a "distância focal".

2.º — Pondo em foco um objeto situado a uma distância tal, que dá no vidro a sua imagem em tamanho natural e perfeitamente nítida. Para tal é necessário alongar o curso da objetiva; êste curso medido em milímetros dá a distância focal absoluta.

3.º — Colocando em foco um objeto, como no caso anterior, resultando no vidro despolido em tamanho natural, (digamos: um quadrado preto em fundo branco) medindo a distância que separa êste quadrado da superfície do vidro despolido; a quarta parte da distância representa a "distância focal".

Nêste caso e no caso anterior, o eixo ótico da objetiva deve ser perpendicular ao plano do objeto (quadrado preto); deve-se controlar para que no vidro despolido, os quatro cantos da imagem quadrada, estejam perfeitamente retos.

A distância focal está, geralmente, marcada nas objetivas dêste modo:

f = 75 mm. — f = 120 mm. — f = 180 mm. — f = 7,5 mm. — f = 12 mm. — f = 18 mm.

A letra f. representa a distância focal. A expressão distância focal ou comprimento focal é as vêzes chamada errôneamente "foco". Se lermos, por exemplo, foco de 9 cent. esta denominação está errada porque sabemos que o foco é constituido de um ponto : como tal se indica com a letra F maiúscula, êste ponto não tem por princípio qualquer medida.

A distância focal abrevia-se geralmente com a palavra "focal".

Alcançou grande êxito o 1.º Concurso de Orientação de Cinema Amador, cujas sessões lotaram completamente a sala de exibições do F. C. C. B. Nos clichés um aspecto parcial de uma das sessões, e o concorrente Mario Giglio ao receber do Sr. Roberto Corte Real, a "menção" que conquistou.

Uma Excursão Diferente...

O Departamento Social do F. C. C. Bandeirante, que vem proporcionando aos seus associados uma série de magníficas excursões, preparou-lhes para o mês de junho último uma linda surpreza: uma excursão noturna...

Os nossos tradicionais festejos juninos sempre ofereceram motivos dos mais interessantes para lindas fotografias: fogueiras, balões, fogos de artifício, danças, canções... e todos aqueles outros atrativos que fazem o encanto dessas festas.

Pois foi o que o Dept. Social, ativamente auxiliado por uma comissão de senhoras dos associados, promoveu para a noite de 27 de junho último. O resultado foi uma das mais lindas festas já realizadas pelo F. C. C. Bandeirante.

O pavilhão rústico da "Chácara Rudge Ramos", mais uma vez cedido graças á gentileza do "Coroné" Prefeito Lauro Gomes, de S. Bernardo, sob a diligente orientação de sua digníssima Espôsa, D.ª Nenê, foi transformado num autêntico terreiro, ornamentado com as clássicas bandeirolas, lanternas, etc..

Lá pelas 21 horas, o "arraiá" já regorgitava de gente trajada a caráter, sendo os convidados recebidos pelo "Dotô Delegado" Florence.

Rojões e "lágrimas" multicoloridas espoucavam no ar, "estrelinhas", "vulcões" e outros fogos acendiam-se aqui e alí, divertindo grandes e pequenos, de permeio com os "flashs" dos bandeirantes, cujas objetivas, ávidas, fixavam os flagrantes mais interessantes, as caraterizações mais curiosas, os quadros mais sugestivos de uma alegre festa caipira.

— * —

1) Um aspecto do "terreiro"; 2) D.ª Nenê e familiares assistem aos folguedos; 3) os fogos forneceram motivos os mais variados para os fotógrafos, muitos ds quais vemos em seguida 4) esperando pelas "lágrimas"; 5) os cariocas Bellini de Andrade e Senhora fingindo de caipiras....

O "casamento" foi um verdadeiro acontecimento com os noivos (Sr. e Sra. N. Doval), engraçadíssimos; 2) Jairo e Euclides, outros dois divertidos caipiras.

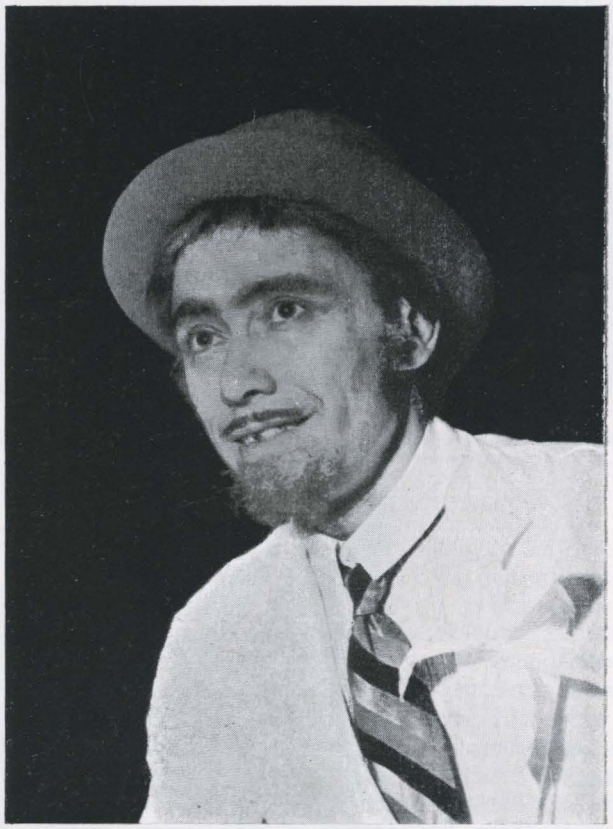
Lá dentro, no pavilhão, não tardou em formar-se o "arrasta-pé", sucedendo-se entusiásticas quadrilhas, polkas, etc.. "Nhô" Amado, como bom professor de química, encarregou-se de preparar um explosivo e atômico "quentão", enquanto que os mais variados e gostosos quitutes, desde o lombinho de porco e o cuscus até os doces de abóbora e "pés-de-moleque" eram servidos pelas "sinhàsinhas".

Não faltou, naturalmente, o infalível "casamento", sendo os "noivos" representados pelo casal N. Doval, engraçadíssimos e perfeitamente caracterizados, e para os quais o "seu vigário" Laert solicitou as bençãos de "São Fotolino", em humorística oração em versos, especialmente escrita para a ocasião, que arrancou, além de gostosas gargalhadas, grandes e merecidos aplausos da assitência.

Foram distribuidos prêmios ás melhores caracterizações, realizaram-se concursos de danças populares..., e assim, em meio á alegria e camaradagem tìpicamente "bandeirantes" prolongou-se a festa, até "de manhãsinha". O horizonte principiava a tingir-se de rubro, quando os últimos participantes deixaram o "sítio" Rudge Ramos, encantados e saudosos; no ar, levados pela brisa, morriam os últimos acordes de linda canção:

"O balão vai subindo,
Vem caindo a garôa
O céo é tão lindo,
A noite tão boa..."

1) O "Coroné" Prefeito Lauro Gomes e o "Delegado" Florence; 2) Uma das caracterizações de maior sucesso...; 3) O casal Mauro Pontes também "deu a nota"; 4) O Bin e o Casemiro, brincando...



"RETRATO DE JÉCA"

por
Carlos F. Latorre
F. C. C. B.

"NO DIA DO CASAMENTO"

por
William Brigatto
F. C. C. B.

O I.º Concurso De Orientação De Cinema Amador

Jean Lecocq — FCCB

O 1.º Concurso de Orientação de Cinema Amador, há pouco realizado, demonstrou de forma insofismável que tudo não estava perdido no incipiente cinema amador paulista. Lançado poucos meses após a realização do IV Concurso Nacional, o seu êxito parecia problemático, visto êste último certame, de âmbito nacional, ter reunido 25 filmes, inclusivé um forte contingente do Norte do país, com o qual não podiamos contar. Consoante comentários externados pela imprensa, a qualidade média dos filmes do IV Concurso Nacional era fraca. Portanto, o panorama do setor cinematográfico amador paulistano, apresentava-se bastante incerto e duvidoso.

O Departamento Cinematográfico do F. C. C. B., todavia, pôz-se corajosamente à luta. Consideramos que o cinema amador está ainda, entre nós, em franca incubação, mas sabíamos que êle existia sob a forma de amadores com filmes prontos, outros planejados, todos êles porém com um receio invencível de exibi-los pùblicamente, de submetê-los a um julgamento, a uma crítica que, naturalmente, deveria ser franca e construtiva. De forma alguma nutrimos a menor esperança de que, dentre êsses trabalhos, haveria grandes revelações. Sabíamos que iríamos encontrar, como de fato encontramos, vários filmes de amadores ainda bisonhos, mas ávidos de aprender, de melhorar, de progredir. E, sem dúvida, uma das melhores formas de aprender, de progredir, é submeter os nossos trabalhos á crítica sadia dos mais entendidos. Daí a idéia da realização dos Concursos de Orientação, durante os quais, poderiam os julgadores comentar, dirètamente para os autores os respectivos trabalhos e com êles discutirem, pessoalmente, as impressões que seus filmes deixavam, as suas qualidades e as correções que porventura se faziam necessárias. E foi justamente a nossa insistência pela imprensa e sobretudo pela decidida colaboração que tivemos da Rádio Televisão Paulista, no seu programa "Clube de Cinema" dirigido por Roberto Corte Real — aos quais rendemos aqui a nossa justa homenagem e agradecimento — que conseguiu vencer a resistência dos amadores mais hesitantes.

E estamos certos de que êstes amadores que apresentaram seus filmes nêste primeiro concurso, não se arrependeram. Tiveram a oportunidade de ouvir sôbre os seus filmes comentários amenos, conselhos e esclarecimentos que, certamente, saberão aproveitar em seus futuros trabalhos.

A nossa missão não terminou, porém; apenas começou... O 2.º Concurso de Orientação já está com data marcada — **30 de novembro de 1953** — e esperamos que êstes e novos amadores a êle compareçam com entusiasmo ainda maior.

* * *

Quanto ao que foi êste primeiro concurso, cumpre dizer que ultrapassou as nossas melhores expectativas, surpreendendo-nos agradàvelmente. 25 filmes foram inscritos e dentre êles alguns de qualidade superior, outros com algumas falhas, revelando, porém, autores com conhecimentos bastantes e capazes de nos oferecerem, pròximamente, filmes de elevada categoria.

Assim, p. ex., na Categoria Documentário, 16 mm., em côres, o filme sonorizado "CERRO CATEDRAL" da autoria de **Geraldo Junqueira de Oliveira,** que obteve o 1.º lugar, foi uma revelação. Constituiu, sem dúvida, o ponto alto do concurso. Apresentando um colorido explêndido, um bom gôsto apurado, deliciou o auditório com uma seqüência de lindos quadros, aliada a uma técnica esmerada. Tratando-se de filme de viagem, o autor o apresenta com bom ritmo e não abusou da interferência de personagens familiares — no que geralmente incidem os amadores — e quando o fez, foi sempre com muita discreção e oportunidade. Há pequenos detalhes de filmagem que revelam pronunciados conhecimentos técnicos que

realçam ainda mais o trabalho. A parte sonora boa, com fundo musical bem oportuno. Cabe, aqui, uma observação: o filme deveria ser sonoro e não sonorizado com fita magnética. Embora o som esteja perfeito, a falta de gravação no próprio filme tira-lhe quase a possibilidade de concorrer em outros certames amadoristas do país ou do estrangeiro, onde com certeza, faria boa figura.

Segue-lhe o filme sonoro "UM PASSEIO NA ARGENTINA" de **Tufy Kanji,** também em côres. O filme impressiona bem, é limpo ,com um bom e bem aproveitado colorido. Tem algumas falhas de tomadas e de cortes e se ressente um pouco de maior interêsse. O som, todavia é bom, acompanhamento musical leve, comentários adequados. Sem grande pretensão, o filme no seu todo é agradável, e temos a convicção de que o Sr. Kanji, que desta vez obteve um honroso 2.º lugar, ainda nos apresentará filmes bem melhores, pois demonstra boa sensibilidade e boa visão.

O **Dr. Waldmir Malheiros** inscreveu 4 filmes de viagens, em côres, destacando-se "TEREZÓPOLIS-ST. MORITZ" pelo colorido. Indiscutìvelmente, o autor demonstra ter muito entusiasmo pelo cinema; ressente-se, porém, de maiores conhecimentos de composição, de corte e de montagem; nos seus próximos filmes, certamente, procurará limitar as cenas familiares, fazendo com que uma ou outra figura sirva de ligação entre as várias cenas, dando-lhes continuidade; evitará, também, as "panorâmicas" e os movimentos excessivos da câmara. Caprichoso na apresentação dos seus filmes, o Dr. Malheiros deve, por isso mesmo, empregar títulos em côres nos seus filmes coloridos, colocando-os com oportunidade, a fim de não perturbar a continuidade e a compreensão dos filmes.

"UMA VIAGEM AOS ESTADOS UNIDOS", kodachrome do Sr. **Hercules A. Perna,** não teve outra pretensão além de uma lembrança de viagem. É inegável, porém, que o autor demonstrou qualidade nas várias tomadas e angulações, com bom aproveitamento da côr. O filme é, porém, um pouco longo, abusando de vistas de auto-estradas, além de incluir cenas que, para recordação pessoal poderão servir, mas desinteressantes para o espectador. Com vários cortes e uma paginação mais aprimorada, bem como mais alguns títulos, o filme tornar-se-á, sem dúvida, bem mais interessante, e para tanto, o Sr. Hercules Perna demonstrou ter bastantes predicados.

Dentre os filmes em branco e preto, documentários de 16 mm., **Marcel Giró,** com seu filme "SÊCA E ÁGUA" nos surpreendeu. Surpreendeu cinematogràficamente falando, porque o autor já havia demonstrado belíssimas qualidades no setor fotográfico do nosso Clube, onde em pouco tempo grangeou mérito incontestável, pelo valor dos seus trabalhos. É justamente na fotografia que reside a qualidade do seu filme, feito um pouco "á la diable". "Sêca e água" é uma série de quadros onde se revela o poder de pesquiza do autor, onde as imagens ganham uma intensidade invulgar pelos lindos efeitos de luz e grande poder de emoção. Falta, porém ao filme de Giró — segundo nos consta, o primeiro que executou — um ritmo mais acelerado, que seria obtido inclusivé com alguns cortes e a transposição de várias cenas. E sòmente com imagens, Giró nos contaria uma história dramática... A julgar por êste primeiro filme, porém, Giró será breve um ótimo cineasta amador capaz de nos orgulhar em próximas competições.

De **Manoel Erbolato,** de Campinas, seu filme "CIRURGIA" revela antes de tudo o esfôrço para conseguir a feitura de um trabalho interessante. Nêste particular conseguiu o seu intento, apezar de apresentar uma seqüência de quatro operações, falhando, todavia, na parte técnica, onde a revelação se apresenta com defeitos e em certas tomadas nas quais o campo operatório é vedado pelos médicos e assistentes. Alguns letreiros, para uma elucidação mais completa são também aconselháveis. O mesmo autor, nos apresentou também um filme sonoro "ACONTECEU EM CAMPINAS", uma série de reportagens locais, com fotografia bastante deficiente, talvez em razão da má qualidade da película empregada, e sem maior interêsse geral.

★ Aperfeiçôe-se na arte fotográfica, ingressando no Foto-cine Clube Bandeirante ★

O Sr. **João C. Marques,** apresentou outro filme sonoro, "SÃO SEBASTIÃO". Feito com evidente capricho, teve, entretanto, contra si, o mau tempo reinante durante a sua estadia no belo recanto do nosso litoral, que não lhe permitiu tirar maior partido das belas paisagens que São Sebastião oferece. Diversas cenas devem ser eliminadas, por não se enquadrarem no desenvolvimento geral do filme e a parte final, a da lenda, aliás a mais evocativa, poderia ter sido melhor desenrolada, com o emprêgo de uns poucos personagens ou com tomadas mais variadas, o que daria a seu filme um cunho especial e sentimental. Embora o autor tenha sido caprichoso na montagem e apresentação do filme, o letreiro inicial traz como fundo uma paisagem tìpicamente européia, o que destoa do próprio título.

René Schoeps, de Santo André, inscreveu um documentário sôbre a cidade de "SANTOS". Várias falhas de fotografia, algumas muito escuras, outras sôbre-expostas (o fotómetro, em cinema é indispensável) e sobretudo falta de seqüência, concorreram para que seu filme não tivesse boa cotação. Não duvidamos, porém que em seu segundo filme, feito com mais vagar e com o necessário "roteiro", o Sr. Schoeps nos proporcionará um trabalho de maior valor, pois sabemos que conhecimentos não lhe faltam. O amador sempre tem pena de usar a "tesoura", mas, mais vale um filme curto e bom do que um maior e com vários senões...

"BASE BALL" é o título do filme apresentado por **Eygirio Sato.** Inegàvelmente o autor demonstra ser um bom fotógrafo — como aliás já é conhecido — e revelou na arte de filmar, na qual está se iniciando, dotes já apreciáveis de angulação e composição (vantagem do amador que já conhece fotografia), como também um certo capricho na feitura dos letreiros. Falhas de seqüência, repetição de cenas e altos e baixos na exposição, tiram ao filme um pouco de interêsse. Não há dúvida, porém, que Sato já demonstrou sensíveis progressos sôbre o primeiro filme que havia inscrito no último Concurso Nacional.

No setor esportivo, tivemos também **Newton Lacerda Figueiredo,** com o filme "MÚSCULOS E RITMOS", reportagem de um congresso de ginastas, que apresenta as falhas comuns aos principiantes; demonstrou, todavia firmeza no manêjo da câmara, mas ressente-se de uma exposição mais correta, pois há cenas muito escuras. O final do filme, bastante interessante, conseguiu-lhe pontos preciosos. Ressente-se ainda o seu filme de maior número de tomadas de ângulos diferentes, o que o torna um pouco monótono.

Manoel Faria, de Caçapava, inscreveu dois filmes de enredo e um documentário. É deveras elogiável o esfôrço e a boa e sincera intenção do autor em fazer cinema; devemos, porém reconhecer que seus filmes de ficção são ainda primários do ponto de vista técnico, fazendo-se notar, principalmente, a ausência de roteiro — indispensável em qualquer filme, quanto mais em filmes de enredo — bem como de tripé e finalmente na montagem do filme. Por outro lado uma exposição correta e uniforme. Na parte representativa — outro escolho difícil para o amador — alguns intérpretes demonstraram falta de traquejo para tal mistér. Demonstra, porém o Sr. Faria, predisposição para fazer cinema, e suas historietas, improvisadas, se cuidadas e filmadas com mais apuro, com o bom humor que demonstram, poderiam ser verdadeiras sátiras ao cinema profissional.

Na categoria experimental tivemos apenas um trabalho: "ESTUDO" de **Mario Giglio,** que, por revelar já adiantados conhecimentos de cinema, obteve merecida "menção". Confessamos, porém, que o seu filme nos deu a impressão de que inicialmente o autor pretendia fazer um filme de enredo que, mal sucedido, o autor procurou salvar dando-lhe o cunho de um estudo experimental. Mas ainda aqui não foi de todo bem sucedido: certos trechos são desnecessários e fogem ao "estudo", pelo que poderiam ser eliminados; e conquanto o autor revele uma técnica já aprimorada, com movimentos de câmera acertados, fusões e escurecimentos bem realizados, há falhas de enquadração e na pontuação. Aguardamos com interêsse os próximos filmes de M. Giglio, pois êle promete...

Na categoria de 8 mm., tivemos apenas documentários, sendo um em côres. Em linha geral, êste setor esteve bem fraco. Os autores demonstraram ainda poucos conhecimentos de cinema que lhes permitissem suprir as naturais deficiências e limitações do formato. O filme "BELO-HORIZONTE-OURO PRETO", de **Adolfo**

A. P. da Silva, destacou-se na categoria, sem todavia apresentar qualidades superiores. A "menção" que obteve, foi todavia merecida. Já os filmes de **Carlos Ferreira,** quase todos lembranças de viagens, foram colhidos sem qualquer preocupação de fazer cinema; simples recordações que, sem roteiro, sem montagem, com deficiências de tomadas, etc. — defeitos comuns a todos os principiantes, — se tornam desinteressantes ao espectador. O autor ouviu atentamente os comentários feitos por ocasião do julgamento, dêles prometendo tirar proveito, e assim esperamos.

Eis aí, em resumo, a resenha dêste primeiro concurso de orientação de cinema amador, um concurso ideado, como o título o diz, para orientar os amadores na feitura dos seus filmes, aproximando-os entre si e objetivando a troca de pontos de vista e de conhecimentos técnicos e artísticos, e cumpre declararmo-nos plenamente satisfeitos pelo interêsse que a iniciativa despertou e o êxito obtido. A semente está lançada...

Aguardemos, agora, o 2.º Concurso, que terá suas inscrições encerradas a 30 de Novembro p. futuro.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

Foi a seguinte a classificação geral dos filmes inscritos no 1.º Concurso de Orientação de Cinema Amador, cujo julgamento se prolongou por várias sessões, obedecendo a pontuação dos filmes, à papeleta recomendada pela U. N. I. C. A. (Union Internationale de Cinema Amateur). Das comissões julgadoras participaram os Srs. Roberto Corte Real (da Rádio-Televisão Paulista), Jean Lecocq (Dir. de Cinema do F. C. C. B.), Eduardo Salvatore, Angelo F. Nuti, Alfio Trovato, Manoel Morales Fº. e Armando Nascimento Jr.

TÍTULO	AUTOR	PONTOS	PRÊMIO
a) Categoria Documentário 16 mm. colorido			
1 — Cerro Catedral	Geraldo Junqueira Oliveira	103,66	Diploma 1.º lugar
2 — Um Passeio a Argentina	Tufy Kanji	76,66	Diploma 2.º lugar
3 — Terezópolis-St. Moritz	Waldmir Malheiros	60,00	Menção
4 — Viagem aos Est. Unidos	Hercules A. Perna	57,00	Menção
5 — Vistas do Rio	Waldmir Malheiros	52,66	— —
6 — Campos do Jordão	Waldmir Malheiros	48,00	— —
7 — São Paulo	Waldmir Malheiros	39,66	— —
b) Categoria Documentário 8 mm. colorido			
8 — Tourada	Carlos Ferreira	45,33	— —
c) Categoria Documentário 16 mm. Preto e Branco			
9 — Sêca e Água	Marcel Giró	57,66	Diploma
10 — Cirurgia	Manoel Erbolato	56,33	Diploma
11 — São Sebastião	João O. Marques	46,33	Menção
12 — Santos	René Schoeps	39,00	— —
13 — Base-Ball	Eygirio Sato	37,00	— —
14 — Músculos e Ritmos	Newton Lacerda Figueiredo	36,60	— —
15 — Caçapava em foco	Manoel Faria	31,33	— —
16 — Aconteceu em Campinas	Manoel Erbolato	28,00	— —
d) Categoria Documentário 8 mm. Preto e Branco			
17 — Belo Horizonte-Ouro Preto	Adolfo A. P. da Silva	46,66	Menção
18 — Fátima	Carlos Ferreira	42,66	— —
19 — Praia São Vicente	Carlos Ferreira	32,00	— —
20 — Neve na Serra	Carlos Ferreira	31,66	— —
21 — Praia	Carlos Ferreira	27,66	— —
22 — São Paulo	Carlos Ferreira	27,33	— —
e) Categoria Experimental 16 mm. Preto e Branco			
23 — Estudo	Mario Giglio	46,33	Menção
f) Categoria Enredo 16 mm. Preto e Branco			
24 — Drácula Invulnerável	Manoel Faria	30,66	— —
25 — Cenas Diversas	Manoel Faria	26,33	— —

"MATINAL"

Jean Lecocq - F. C. C. B.

O Sr. Arnaldo M. Florence, em nome da Comissão Executiva do IV Centenário de Sto. André, pronunciando o discurso inaugural do 1.º Salão Internacional do "Câmera Clube; 2 - A mesa que presidiu á entrega das medalhas e diplomas comemorativos do certame.

Atividades Fotográficas no País

1.º Salão Internacional de Sto. André

Integrando os festejos do 4.º Centenário de Santo André, o **"Camera Clube de Santo André"**, esforçada e progressista entidade que reune os aficionados do visinho município, fez realizar o seu primeiro certame internacional, solenemente inaugurado por ocasião da abertura dos festejos comemorativos daquela efeméride.

O ato inaugural revestiu-se de grande brilhantismo, tendo sido a fita simbólica cortada pela Exma. Sra. Deputado Ivete Vargas, representante do Exmo. Snr. Presidente da República, estando presentes grande número de altas autoridades federais, estaduais e municipais, inclusivé representações do F. C. C. Bandeirante e do F. C. C. de Jaboticabal.

Fizeram uso da palavra, inicialmente o Snr. Arnaldo Machado Florence, Vice-Presidente da Comissão Executiva dos Festejos do IV Centenário de Santo André, que frisou o alto significado daquela solenidade com a qual o "Câmera Clube de Santo André" prestava valiosa colaboração aos festejos comemorativos do quadricentenário da cidade, ao mesmo tempo, contribuindo para a elevação artístico-cultural do nosso povo. Interpretando o pensamento dos munícipes de Santo André, falou o Prefeito Sr. Fioravente Zampol, agradecendo a cooperação do "Câmera Clube" e congratulando-se com o mesmo pelo magnífico êxito daquela realização, assegurando ainda que a entidade poderia contar com o integral apôio do govêrno municipal. Falou também, em nome da Câmara Municipal de Santo André, o vereador Sr. Affonso Maria Zanei, que disse o quanto representava para o município aquela realização da entidade dos fotógrafos amadores locais, cuja dedicação e esfôrço eram dignos dos maiores encômios.

Após haver sido cortada a fita simbólica, foi o salão entregue a visitação do númeroso público que acorrera ao ato.

\- * -

Com a realização dêste seu 1.º Salão Internacional, marcou o Câmera Clube de Santo André um brilhante e significativo êxito, colocando-se, não só em virtude de sua organização como também em razão do seu alto nível, como um dos mais credenciados certames do país. 211 trabalhos foram expostos após rigorosa seleção dos 749 inscritos por 34 entidades, representando 16 países, dos quatro continentes.

Digno de nota é o sensível progresso artístico dos associados do Câmera Clube de Santo André em apenas dois anos de existência, bem como o esfôrço desenvolvido de maneira a, com tão pouco tempo, apresentar um Salão Internacional de alta categoria como foi o que vem de realizar.

A todos os expositores, o Câmera Clube ofertou um diploma e uma bonita medalha comemorativa.

O Gen. Peixoto Keller assinando o livro de visitantes, e o Sr. Rene Schoeps, Pres. do C. C. S. A., e a expositora Da. Brigida Florence, percorrendo o Salão.

CONCURSOS INTERNOS

Em conseqüência da transposição do XII.º Salão Internacional de S. Paulo para o mês de dezembro, deliberou a Diretoria do F. C. C. B. alterar o calendário dos concursos internos do Clube, antecipando-os para os meses de setembro e outubro, anteriormente reservados para aquele certame. Assim é que, para os próximos meses, o calendário será o seguinte:

Agôsto — "Cenas de bairros"

Setembro — Tema Livre

Outubro — Fotogramas e outros processos especiais.

—— * ——

Também os **concursos de diapositivos em côres** tiveram as datas alteradas, realizando-se em **agôsto** e **outubro,** ambos sob **Tema livre.**

—— * ——

As inscrições e entrega de trabalhos serão encerradas, como de costume, no dia 22 de cada mês, impreterìvelmente. Nos meses de novembro e dezembro não serão realizados concursos, tendo em vista os trabalhos preparatórios e a realização do XII.º Salão Internacional de Arte Fotográfica.

AZULAÇÃO

Único laboratório especializado no Brasil em:

Lentes azuladas (Surface-Coating)
Polimento - Recolagem
Ajustamento de Objetivas

*

Recondicionamento de câmaras de qualidade - Filmadores
Projetores de som

*

Especialidade: Consêrtos de flash eletrônicos e fotômetros.

Fabricação de aparelhos especiais conforme orçamento.

*

O mais moderno equipamento de máquinas de precisão e aparelhos eletrônicos de teste.

Serviço de Precisão Garantido Por Técnicos Europeus

*

SÃO PAULO
Rua Marquês de Itú, 95 - 1.º and. - Apt. 21
Telefone: 36-8413

RIO DE JANEIRO
R. Senador Dantas, 14 - 18.º and. - S/1.801
Telefone: 42-3232

Sala de leitura e bibliotéca especializada.

★

Excursões e concursos mensais entre os sócios.

★

Participação nos salões e concursos nacionais e estrangeiros.

★

Intercâmbio constante com as sociedades congêneres de todo o mundo.

Mensalidade	40,00
Taxa extra mensal pró-séde própria	10,00
Anuidade (recebida sòmente nos meses de janeiro a março de cada ano ..	600,00

★

Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gosam do desconto de 50%.

★

SÉDE SOCIAL (Edifício Próprio): RUA AVANHANDAVA N.º 316

FONE: 32-0937 — S. PAULO, BRASIL

CONCURSOS INTERNOS

EXCURSÕES

SALÃO INTERNACIONAL

SALA DE ESTAR

SALA DE EXPOSIÇÕES

STUDIO

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 839 DE 14-11-1950

ALGUMAS DAS VANTAGENS QUE OFERECE:

Orientação artística e técnica mediante palestras, seminários, exposições, demonstrações e convívio com os mais destacados artistas-fotógrafos.

★

Laboratório e Studio para aprendizagem e aperfeiçoamento.

★

Sala de leitura e bibliotéca especializada.

★

Excursões e concursos mensais entre os sócios.

★

Participação nos salões e concursos nacionais e estrangeiros.

★

Intercâmbio constante com as sociedades congêneres de todo o mundo.

DEPARTAMENTOS:

Fotográfico

Cinematográfico

Secção Feminina.

★

	Cr.$
Joia de admissão	200,00
Mensalidade	40,00
Taxa extra mensal pró-séde própria	10,00
Anuidade (recebida sòmente nos meses de janeiro a março de cada ano ..	600,00

★

Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gosam do desconto de 50%.

★

SÉDE SOCIAL (Edifício Próprio): RUA AVANHANDAVA N.º 316

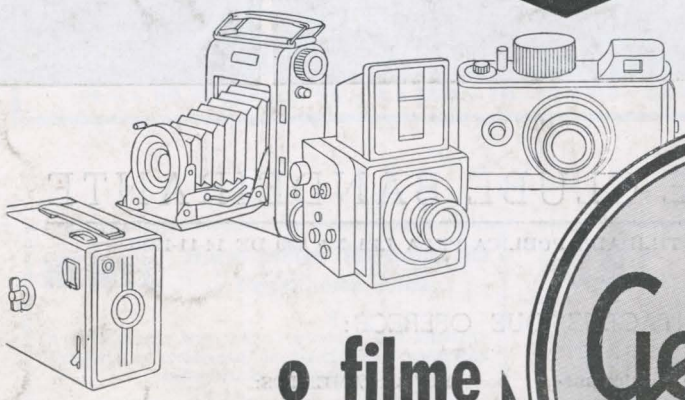
FONE: 32-0937 — S. PAULO, BRASIL

CONCURSOS INTERNOS

EXCURSÕES

SALÃO INTERNACIONAL

Seja qual fôr sua máquina...



o filme

é o fator mais importante para uma boa fotografia!

A beleza e perfeição de uma fotografia decorrem da qualidade do filme usado. Seja numa complexa máquina de alta precisão ou numa simples "box", o filme Gevaert assegura fotografias superiores e as melhores ampliações. Tenha sempre na sua máquina: Gevaert - a marca de qualidade.

Gevaert

FILMES-CHAPAS-PAPÉIS

À venda nas boas casas do ramo

Record 14016

Gráfica Brescia Ltda. - Rua Brig. Tobias, 96/102 Tel. 34-9389 - Inscrição N.º 200.400 - São Paulo